

Jogos Mundiais Indígenas e o possível exercício da alteridade midiática

Cássia Lobão Assis

Doutora em ciências da comunicação pela ECA/USP (2006), professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) desde 1989. E-mail: cassialobao@gmail.com

O artigo ora apresentado analisa a inserção dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI) no contexto midiático. Propomos avaliar o quanto a menção ao megaevento esportivo ocorreu mediante um exercício de alteridade (LAPLANTINE, 2003; LÉVINAS, 2005). Como objeto de pesquisa, nos utilizamos de uma reportagem especial, exibida no Esporte Espetacular da Rede Globo, mediante a qual foi possível avaliar as estratégias de aproximação com o universo dos povos indígenas nessa situação desportiva particular, uma busca da alteridade que acreditamos configurar um legado dos mais significativos à construção do discurso midiático na contemporaneidade.

Palavras-chave: Jogos Indígenas; Diversidade Cultural; Telejornalismo; Alteridade.

Indigenous World Games and the possible exercise of the alterity of the media

The present article analyzes the insertion of the World Games of Indigenous peoples (JMPI) in the media context. We intend to evaluate how much the reference to the mega-sport event occurred through an exercise of alterity (LAPLANTINE, 2003; LEVINAS 2005). As a research object, we used a special report, presented in Rede Globo's Spectacular Sport, through which it was possible to evaluate the strategies of approximation with the universe of indigenous peoples in this particular sporting situation. We believe that we create a legacy of the most significant to the construction of the media discourse in contemporary times.

Key-words: Indigenous Games; Cultural Diversity; Telejournalism; Otherness.

Juegos Mundiales Indígenas y el posible ejercicio de la alteridad mediática

El artículo ora presentado analiza la inserción de los Juegos Mundiales de los Pueblos Indígenas (JMPI) en el contexto mediático. En el caso de que se produzca un cambio en la calidad del producto, Como objeto de investigación, nos utilizamos de un reportaje especial, exhibido en el Deporte espectacular de la Red Globo, mediante la cual fue posible evaluar las estrategias de acercamiento con el universo de los pueblos indígenas en esa situación deportiva particular. Alteridad que creemos configurar un legado de los más significativos a la construcción del discurso mediático en la contemporaneidad.

Palabras-clave: Juegos Indígenas; Diversidad Cultural; Telediario; Otridad.

Introdução

A questão da diversidade étnica e cultural está presente nas narrativas noticiosas contemporâneas a partir de alguns fatos que se constituem emblemas das atitudes de (in)tolerância e/ou (des)respeito às diferenças. Ainda que haja esse interesse, do ponto de vista quantitativo o resultado ainda é insuficiente para sinalizar uma paridade compatível com nossa realidade de miscigenação e coabitação do espaço geográfico: por outros termos, na mídia brasileira, proporcionalmente, ainda é muito pequeno o número de reportagens que se refere ao protagonismo dos povos autóctones, apesar das inúmeras demandas factuais que poderiam justificar a ampliação desse segmento no agendamento midiático.

Nesse sentido, a realização dos Primeiros Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (I JMPI), configuraram uma efetiva oportunidade de fomentar a visibilidade dos povos nativos nos espaços midiáticos. A dimensão internacional do evento, *per si*, favoreceu a reiteração das inserções noticiosas, de modo a referendar a importância desse tipo de iniciativa ao (re)conhecimento desse segmento social mormente ocultado no cotidiano dos fatos ordinários, e portanto, menos *noticiáveis*.

No presente trabalho, refletimos então sobre esse agendamento do universo indígena a partir de uma reportagem que consubstancia um pretense exercício de alteridade, ou seja, de compreensão de nossas idiosincrasias enquanto brasileiros não indígenas, a partir do contato com o brasileiro que tem na condição de indígena a sua demarcação identitária.

A reportagem especial, que serve de referência às nossas presentes observações, foi exibida no Programa “Esporte espetacular”, em 25/10/2015, durante a edição do I JMPI. Faremos a apreciação do material produzido à luz do conceito de alteridade tendo em vista sua pertinência ao escopo de pesquisa, conforme será demonstrado ao longo da presente explanação.

Uma breve descrição do evento desportivo

Os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas foram realizados pela primeira vez aqui no Brasil, mais precisamente em Palmas-Tocantins, entre 22 e 31 de outubro de 2015. O evento foi idealizado preliminarmente pelo Comitê Intertribal, Memória e Ciência Indígena (ITC), associação brasileira criada em 1991 para agregar os povos nativos de todo país, com sede em Brasília-DF.

A versão internacional do evento se inspirou numa iniciativa nacional, realizada desde 1996, em vários estados brasileiros, designada “jogos dos povos indígenas”, organizada com o objetivo de agregar esportivamente as diversas etnias brasileiras (ROQUE, 2017, p. 16). Ato contínuo, a primeira edição dos Jogos

Mundiais teve então o apoio especial da ONU, mediante o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), e de vários países que decidiram pela participação mediante o envio de delegações de atletas a essa edição pioneira do evento. Dessa forma, “Os JMPI imprimem uma marca, trazem à tona, em âmbito mundial, a realidade da cultura indígena, e apresentam a força da união dos povos originários de todo o mundo” (ROQUE, 2017, P. 15).



Figura 1: Imagem da abertura da primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, em 2015, Palmas- Tocantins – Brasil. Fonte: Roque(2017).

Em nível local, o I JMPI teve o apoio logístico-administrativo de setores governamentais e privados, a exemplo do governo federal brasileiro, o governo do estado do Tocantins, a prefeitura do município de Palmas e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). A coordenação geral do evento esteve ao encargo de Carlos e Marcos Terena, o que garantiu maior legitimidade à iniciativa, uma vez que os dois irmãos são representantes genuínos dos povos indígenas.

Ao todo, vieram 24 delegações internacionais, que se juntaram a 24 delegações nacionais para o espetáculo desportivo. As atrações foram divididas em: *jogos de integração*, *jogos de demonstração* – geralmente não competitivos – *jogo ocidental* – sob a forma de futebol de campo – e as *lutas corporais*. Depois dessa primeira edição dos jogos mundiais indígenas, já foi realizada uma segunda edição, em 2017, no Canadá.

Sobre o termo alteridade

A alteridade é uma expressão trabalhada *a priori* tanto na filosofia (LÉVINAS, 2005), quanto no contexto científico da antropologia (LAPLANTINE,

2003), o que não impediu sua aplicabilidade e ampliação de sentidos em outras áreas do conhecimento, a exemplo da psicologia, da educação, da comunicação.

Isso porque alteridade (ou outridade) diz respeito à percepção das diferenças. É ao perceber o outro, a partir da diferença que o mesmo possui em relação a mim, que tomo consciência de quem eu sou: não igual ao outro. Em outras palavras, a demarcação identitária do eu só existe em relação ao outro, só existe a partir do outro (ASSIS, 2008, p. 60). Nessa comparação entre o grupo do eu e o grupo do outro, tomamos consciência das diferenças existentes em relação a vestimentas, crenças, valores, organização social, comportamento, enfim, ao modo de ser, fazer, pensar, sentir, querer e saber. Como diz Laplantine (2003, p. 21),

a experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos 'evidente'. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de 'natural'. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única.

Por conseguinte, nesse movimento de reflexão em torno da sociabilidade, inerente aos estudos antropológicos da alteridade, o ser humano é considerado em dois sentidos: enquanto indivíduo em conjunto e enquanto indivíduo em sua essência, indicando que, para existir uma individualidade, é necessário que exista o coletivo.

No exercício da alteridade, as culturas humanas são interdependentes, já que os indivíduos precisam da relação baseada no diálogo para constituir-se em plenitude.

No escopo da filosofia, o lituano Emmanuel Lévinas é dos mais reconhecidos pela sistematização fenomenológica dada à ideia de alteridade em tempos hodiernos. Nesse sentido, Lévinas adota o princípio de que nos construímos a partir do (re) conhecimento do Outro e que por isso mesmo devemos desenvolver a sensibilidade da responsabilidade com o Outro. O legado humanista de Lévinas é uma oportuna reflexão no entorno do respeito às diferenças, ideário significativo ao ocidente em seu momento de reconstrução após a Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje.

O filósofo elabora suas considerações acerca de alteridade tendo como imprescindível o encontro face a face entre o Eu e o Outro. Esse processo intersubjetivo pode ser compreendido mediante o conceito de *Rosto*, emblemático à

compreensão do trato com a alteridade em Lévinas. A concepção de *rostos* não é fisiológica, ela é uma epifania ou uma metáfora da totalidade do sujeito, por meio da qual o “outro” se expressa. O *rostos* atesta a presença do “outro” diante do “eu”, barra qualquer ação egoísta que o reduza a alter ego e, ainda, posiciona o “eu” como responsável por seus atos em relação ao “outro” – assim, o “outro” é um não-eu, ele transcende a indiferença. É nessa exigência de responsabilidade que o *rostos* ganha voz e comunica sua vontade de coexistir em meio à diferença (FREITAS, 2017, p. 24).

Dessa forma, sob a metáfora do *rostos* subjaz a proximidade entre os seres, a supremacia do Outro sobre o Eu, uma vez que o impulsiona para o patamar da exterioridade, da transcendência, mediada, inclusive, pela linguagem:

Outrem é rostos; mas outrem, igualmente, fala-me e eu falo-lhe. Será que o discurso humano não é também uma maneira de romper com o que chama de ‘totalidade’? Certamente. Rostos e discurso estão ligados. O rostos fala. Fala, porque é ele que torna possível e começa todo o discurso (LÉVINAS, 1982, p. 79).

Para Lévinas, a partir da relação com o rostos de outrem é possível vislumbrar a ordem ética numa conjuntura de sociabilidade, uma vez que favorece a superação da atitude egocêntrica, monológica. Nesse fluxo intersubjetivo, “o ser que me fala e a quem eu respondo ou interrogo não se oferece a mim, não *se dá* de maneira que eu possa assumir essa manifestação, pô-la à medida da minha interioridade” (LÉVINAS, 2015, p. 275), mas amplia a possibilidade da interculturalidade, da diversidade humana em seu sentido mais genuíno.

Alteridade no contexto do jornalismo

Enquanto espaço de *representação*, mediante uma narrativa perpassada pelo factual (TRAQUINA, 2005, p. 168), o jornalismo tem sido estudado em sua potencialidade de exercitar a alteridade. Isso porque a atividade jornalística pressupõe, dentre outras coisas, a produção de narrativas sobre a diversidade social, possibilidade que evidencia os sujeitos plurais que integram essa diversidade (REGINATO, 2016, p. 229).

No caso da cobertura a um evento pontual como os I JMPI, temos a prerrogativa de vários *eus* acionados (tanto aqueles que produzem e executam as reportagens, quanto os que lhes assistem e reelaboram seus sentidos). Ao lado destes, temos os vários *outros*, representados pela diversidade de etnias, brasileiras e estrangeiras, presentes no evento. Nessa pluralidade de sujeitos, reside a pertinência da interface entre o fazer jornalístico e o conceito de alteridade.

Nesse sentido, é importante reforçar que os jornalistas possuem um papel social institucionalizado e legitimado na configuração da diversidade e, diante desse compromisso de produzir discursos de (re)conhecimento sobre determinada cultura, trabalham com o singular, o particular e o universal, adaptando os acontecimentos tanto aos padrões culturalmente aceitos pela audiência, quanto às interpretações consensuais ou hegemônicas. Nessa perspectiva, nos é oportuna “a percepção do ‘eu-jornalista/jornal’ frente ao ‘outro-fonte-sujeito’ – considerados relevantes, interpretados, mimetizados e construídos pelo jornalismo” (FREITAS, 2017, p. 13).

Tomando a alteridade como premissa para o jornalismo voltado à diversidade social, Freitas (2017) se dispõe a analisar o exercício da alteridade no contexto particular da editoria Mundo, da Folha de S. Paulo, uma editoria eminentemente marcada pela abordagem do cenário internacional. E nessa situação, foi possível concluir que “a articulação do mundo da vida com o mundo do texto posiciona a noção de alteridade como condição própria do discurso jornalístico, assim como um ‘recurso narrativo’ que põe em evidência a outridade” (FREITAS, 2017, p. 110). Destarte, observemos essa articulação entre os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (I JMPI) e a narrativa que se fez desse evento numa reportagem especial feita para o programa *Esporte Espetacular*.

Uma estética da aproximação

A produção audiovisual escolhida para nossas ponderações sobre alteridade midiática na cobertura aos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas possui as características de uma reportagem especial, até mesmo por sua duração: 15min.28s. Aliás, foi esse caráter atípico no contexto do telejornalismo esportivo que nos fez optar por essa produção, dentre várias outras, manufaturadas numa perspectiva mais breve e factual.

O material foi exibido no *Esporte Espetacular*, programa esportivo dominical da Rede Globo, em 25 de outubro de 2015, e encontra-se disponível na internet desde 01 de novembro de 2015 mediante o título “Conheça os esportes curiosos e costumes nos Jogos Mundiais Indígenas” (link: <https://globoplay.globo.com/v/4578943/>).

A reportagem, apresentada sob a mediação de Glenda Kozlowski, foi assinada pelos seguintes profissionais: Régis Rosing (repórter), Ari Júnior e Lucas Munhoz (cinematistas), Jamir Silva (apoio técnico), Guilherme van der Laars (produção e edição) e Fernando Gimenes (edição e finalização). Foram utilizadas entrevistas com Parkré Gavião (atleta de arco e flecha) e Vankali Gavião (atleta do cabo de guerra), ambos representantes de etnia indígena.

Três referenciais nos pareceram interessantes nessa aproximação entre o *eu*

e o *outro*, configurando o exemplo da alteridade midiática que ora defendemos: o culto ao exótico, a manipulação não canônica do imagético-digital e a abordagem textual discursiva ampliadora da demarcação factual.

Para uma abordagem do exótico, nos reportamos aqui a Todorov (1993, p. 25), para quem o exotismo configura uma curiosidade contra uma objetividade com a qual se percebe a diferença. O exótico costuma habitar o espaço da representação de alteridades pouco complexas, a exemplo do que se pratica no discurso jornalístico, em que pese toda a defesa de uma objetividade imanente.

No contexto ora observado, o olhar pelas lentes do exótico pode ser flagrado já a partir da apresentação da reportagem, no uso dos ícones repertoriados como próprios da cultura indígena, inseridos no estúdio mediante a tecnologia digital: oca, canoa, artesanato, instrumento de percussão são mostrados nessa perspectiva do deslocamento espacial, o que lhe confere a qualidade do pitoresco.

Nessas considerações ao exótico, merece ainda menção a oração melodiosa, entoada pelo líder tribal Parkré Gavião, no início e no final da matéria, uso bem emblemático se considerarmos o sincretismo sonoro de todo o conjunto da reportagem: no início, além da oração, temos os acordes de uma trilha incidental não configurativa da cultura indígena; e a audição da música “Todo dia era dia de índio” figura como som ambiente num outro momento da reportagem. Nesse escopo do lastro sonoro, a oração indígena se constitui num modo singular de evocação ao divino não necessariamente imprescindível à construção do factual, porém imprescindível à demarcação cultural do *outro*, fato que amplia a plasticidade subjacente ao produto.

Além da narração em *off* que perpassa toda a matéria, com um texto que sinaliza a retórica do encantamento ante o *Outro* que se apresenta, em se tratando da dimensão imagética é flagrante a utilização de elementos menos convencionais da *gramática* do audiovisual, a saber, planos e movimentos de câmera reconhecidamente pouco utilizados no dia a dia dos telejornais.

Assim, por exemplo, nos introduzimos na ambiência dos I JMPI – alojamento dos atletas e arena desportiva – mediante uso do *plongèe absoluto* ou *zenital*, que modalizam uma abordagem intersubjetiva do assunto tratado, muito menos evidente quando se faz a opção pelo *trevilling* ou imagens panorâmicas mais convencionais. Conforme Gutmann (2013, p. 76), “os enquadramentos de câmera são apropriações culturais, formas materiais e simbólicas de lidar com a notícia na TV (...) constituindo marca formal de produção e reconhecimento da notícia televisiva”.

Nessa perspectiva, também é revelador o uso do close e do primeiríssimo plano em muitas situações de enquadramento dos personagens, algo que modaliza a fuga às práticas rotineiras nos telejornais, mesmo os esportivos,

quando se adota a primazia do *plano médio*. No contexto que ora estudamos, as escolhas operacionalizam uma espécie de desmetaforização do conceito de rosto inscrito em Lévinas (2015), do qual tratamos anteriormente. Na reportagem, o *rosto* do Outro irrompe na tela de forma reiterada, nos impõe suas idiosincrasias de um modo conceitual e impactante, emblemático à construção da alteridade no espaço midiático.

Finalmente, consideramos a abordagem textual discursiva ampliadora da



Figura 2: Imagem em plano conjunto de um ritual de saudação entre atletas durante os IJMPI. Além desse exemplo, o uso efetivo e exaustivo do close e planos detalhe consubstanciaram o exercício de alteridade imanente a temática da reportagem. Fonte: print da imagem na reportagem disponibilizada via internet.

demarcação factual. Nesse particular, optou-se por uma narrativa protagonizada pelo Parkré Gavião, o líder indígena de 73 anos que também é atleta na modalidade “arco e flecha”. A intenção de extrapolar o factual, a saber, a cobertura do IJMPI, acontece já aos primeiros minutos da reportagem quando uma fala do Parkré ressalta a gradativa diminuição demográfica de representantes da tribo Gavião: segundo a entrevista, dos 1500 membros existentes há bem pouco tempo, hoje sobrevivem pouco menos que 50 por cento.

Mediante essa fala inicial e a entrevista de um outro atleta mais à frente, ressaltando o respeito aos mais velhos como um valor a ser preservado entre povos cuja história ainda está fincada na oralidade, observamos esse imperativo de referenciar elementos peculiares da cultura indígena, ampliando a menção aos Jogos Mundiais Indígenas propriamente ditos.

Nesse particular, também é notável na *passagem* do repórter a demarcação etária do Parkré Gavião, uma vez que esse líder indígena também é atleta na modalidade arco e flecha. Fica claro na matéria que os Jogos Mundiais reúnem desportistas de várias idades num mesmo contexto de disputa, ou seja, esse cri-

tério de categorização etária dos atletas não é considerado, de modo que a participação torna-se viável ao personagem em evidência, um senhor de 73 anos. Ao acompanhar a trajetória do Parkré até o momento em que se consagra vice-campeão, a narrativa reafirma o valor positivo dessa flexibilidade do esporte entre os povos indígenas, na comparação com as práticas desportivas convencionais.

Considerações finais

Durante os Primeiros Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, o cotidiano indígena brasileiro irrompeu no agendamento midiático a partir de um enfoque diferenciado do que mormente estamos acostumados: os conflitos de terra mediados pela FUNAI cederam espaço a um inusitado fluxo de modalidades esportivas até então circunscritas às aldeias e aos povos nativos.

Diante dessa evidência, o trabalho ora apresentado teve por base apreciar os traços de alteridade que porventura perpassaram a cobertura aos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas por parte da mídia. Para que tivéssemos um exemplo plausível e emblemático ao presente contexto, analisamos uma reportagem especial, exibida em 25 de outubro de 2015, pelo Esporte Espetacular, programa esportivo semanal da Rede Globo. Devido à periodicidade e ao tempo de duração do programa na grade matutino-dominical da emissora, a narrativa que se reportou aos I JMPI, na edição ocorrida durante os jogos, teve aproximadamente 16 minutos e a abordagem do tema ampliou o acontecimento desportivo factual, configurando uma incursão em outros elementos do espaço e da cultura indígenas.

Tais elementos foram evidenciados tanto no discurso verbal da apresentadora, repórter e entrevistados, como através do aparato imagético-sonoro que referenciou a ambiência e os sujeitos-personagens do evento, cuja demarcação identitária nos chegou, dentre outras coisas, mediante as imagens dos artefatos que lhes servem de vestimentas e seus ornamentos diversos.

O megaevento foi bastante oportuno, se considerarmos que somente a partir do último censo demográfico brasileiro, realizado em 2010, as demandas específicas dos povos indígenas passaram a ser consideradas, ainda que os números do IBGE tenham sido bem expressivos: de acordo com o censo de 2010, o Brasil soma 896,9 mil pessoas que se autodeclararam indígenas, ligadas a 305 etnias espalhadas por todos os estados da federação. Os I JMPI representaram, portanto, uma estratégia para favorecer a visibilidade e consequente (re)conhecimento dessas minorias étnicas.

O caráter inaugural desse evento no território brasileiro significou em igual medida a lida pioneira com essa pauta nos espaços midiáticos. No caso da reportagem que aqui nos serviu de exemplo, a abordagem dessa novidade, pelo menos em termos de sua dimensão internacional, configurou um exercício de alteridade, de aproximação ao Outro naquilo que ele representa enquanto possibilidade plural de

superação dos próprios limites, pressuposto dos mais importantes em se tratando da prática desportiva.

Nesse usufruto coletivo de uma situação lúdica, de reverência à pluralidade indígena oriunda de diversas partes do planeta, o principal legado foi justamente essa celebração do encontro, essa possibilidade de conhecer o *rosto* do outro numa situação concreta de favorecimento às aproximações. Algo que acreditamos desembocar qualitativamente nos espaços midiáticos, tão imprescindíveis à construção dessa cultura da diversidade.

Referências

- ASSIS, C.L. & NEPOMUCENO, C.M. **Estudos contemporâneos de cultura**. 15 fasc. UEPB/UFRN, 2008.
- BERGER, P. & LUCKMAN. T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Trad. Floriano Sousa Fernandes. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.
- FREITAS, C. **Alteridade e jornalismo**: a outridade na editoria mundo da Folha de S. Paulo. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2017
- GUTMANN, J.F. “O que dizem os enquadramentos de câmera no telejornal: um olhar sobre formas audiovisuais contemporâneas de jornalismo”. In: Brazilian journalism research. v. 8. n°3, 2013. disponível em <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/422/379> acesso: 08/04/2018.
- LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. Trad. Marie-Agnès Chauve. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LÉVINAS, E. **Ética e infinito**: diálogo com P. Nemo. Lisboa: edições 70, 1982.
- _____. **Entre Nós**. Ensaios sobre alteridade. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005
- _____. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2015
- MEDINA, C. **Ato presencial, mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.
- PONTE, C. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.
- REGINATO, G. D. **As Finalidades do Jornalismo**: o que dizem veículos, jornalistas e leitores. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2016.
- ROQUE, L. et al. **Jogos Mundiais dos Povos Indígenas**: Brasil, 2015: o importante é celebrar! Brasília: PNUD, 2017.
- TODOROV, T. **Nós e os outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.